



Apoio incondicional aos palestinos na luta contra o sionismo e o imperialismo ianque!

***Fim imediato do genocídio! Autodeterminação dos palestinos!
Pela revolução proletária! Por uma Federação de Estados Operários do Oriente Médio!***

As tropas do Estado Sionista de Israel entraram com seus tanques e soldados na Faixa de Gaza (com armas e tropas estadunidenses para apoiá-los), enquanto se mantém o bombardeio das cidades de toda a região(até mesmo sobre campo de refugiados) e dos assentamentos de Jenin, na Cisjordânia, e os ataques ao Sul do Líbano e à Síria – estes, despejados diretamente pelas forças militares do imperialismo estadunidense na região, que também alveja mísseis de retaliação vindos do Iêmen. O deslocamento forçado de milhões de palestinos e seu genocídio aos milhares que permanecem em Gaza prossegue, tendo como um efeito disso a morte de militantes do Hamas.

Os oprimidos do mundo todo estão manifestando seu apoio aos palestinos e rechaço aos ataques do Estado de Israel, apesar das direções da chamada esquerda vacilarem na situação. Na Inglaterra, as maiores manifestações de massa desde o fim da 2ª guerra mundial ocorreram nos últimos dias, em apoio aos palestinos, exigindo o fim do massacre. Na Turquia e Jordânia, centenas de milhares nas ruas protestaram. Praticamente em todos os países do Oriente Médio e Norte da África houve manifestações massivas de apoio, que também ocorreram na Europa. Nos EUA, os judeus antissionistas iniciaram um movimento que foi seguido por outras organizações, para que se pare com a matança, impulsionada pelo governo ianque.

Nota-se a inconsequência das esquerdas na defesa dos palestinos contra Israel e o imperialismo. Elas estão contaminadas pelo democrático burguês, e abandonam princípios elementares do socialismo científico. Negam-se a apoiar incondicionalmente os palestinos, e com isso estar ao lado do Hamas contra Israel e o imperialismo estadunidense, principalmente por recuar ver suas organizações relacionadas de qualquer forma a uma organização nacionalista islâmica direitista, que usa de métodos qualificados de terroristas, condenando igualmente os terrorismos de Israel e do Hamas.

O socialismo científico é contrário ao emprego de terrorismo individual como método de luta. Ainda assim, não o condena quando é usado por militantes na luta contra seus oponentes de classe e o imperialismo. E não é contrário ao uso do terrorismo em geral, defende-o quando as massas o utilizam contra seus oponentes de classe. O terrorismo é uma das formas de violência, que tem sempre um conteúdo de classe, pode ser revolucionária ou reacionária, dependendo de quem a utilize e contra quem. A violência da burguesia é reacionária. A violência das massas oprimidas contra seus oponentes é revolucionária. Se não se toma esse princípio, não se pode desenvolver uma política de classe diante da situação, se acabará numa das variantes da política burguesa, ainda que “pacifista”.

A burguesia mundial está provando ser incapaz de deter o mas-

sacre promovido por um enclave do imperialismo ianque, que é a essência do Estado de Israel. O fato de ter realizado uma migração de mais de 5 milhões de judeus nos últimos 40 anos para a Palestina usurpada não altera sua origem e essência. É um mecanismo de inserção dos interesses dos EUA em toda a região, de disciplinamento de seus governos, por meio do armamentismo de um estado criado somente para isso, para esmagar os palestinos e controlar as nações árabes.

É o que se vê nas discussões do Conselho de Segurança da ONU. A resolução de cessar fogo do Brasil, que condena o Hamas por terrorismo, mas não apoia a resposta de Israel, foi vetada pelos EUA. A proposta russa de cessar fogo foi apenas uma manobra para ressaltar a posição impositiva estadunidense. Os ianques pretendem impor a subordinação da ONU ao massacre genocida promovido por eles e seu enclave sobre os palestinos. Isto, no momento em que os governos europeus se deparam com o fortalecimento eleitoral da direita nas eleições que se aproximam, por conta de seu apoio político, militar e econômico à ofensiva ditada pelos EUA na Ucrânia contra a Rússia. Note-se que esse fortalecimento decorre em grande parte pela posição das esquerdas, que se têm colocado no campo da democracia imperialista em toda parte.

A ONU já não consegue servir de instrumento diplomático para encobrir totalmente as ofensivas

econômicas, políticas e bélicas dos EUA em suas intervenções no mundo todo. As mudanças econômicas das últimas décadas, que enfraqueceram a participação dos EUA, Europa e Japão na produção mundial, e fortaleceram em seu lugar primeiro a China e depois a Rússia, assim como o deslocamento de outros países para uma aproximação com os Estados Operários degenerados por meio da ampliação do BRICS, levaram a que a forma da ONU e de seu Conselho de Segurança não correspondam mais às relações concretas entre os países. Já tem alguns anos que os EUA não conseguem impor a unidade imperialista ao redor de suas intervenções militares, que passaram a depender apenas da burguesia imperialista estadunidense e de seu parlamento.

A China e Rússia, como países que preservam, apesar de todas as sanções econômicas contra elas, seu crescimento da indústria e agricultura, não têm interesse conjuntural na destruição maciça de forças produtivas mundiais. Por isso, em todos os conflitos, posicionam-se por um acordo que ponha fim às guerras ou às tentativas delas. Isso vale também para a Rússia na Ucrânia, onde a burocracia russa tentou por dois anos chegar a um acordo com as potências, realizou a ocupação de seu Leste russo, sob apoio da população local, e agora volta-se novamente para que se efetive um acordo com as mesmas potências Imperialistas, que preserve um cinturão de defesa contra os ataques militares às forças produtivas nacionalizadas, fonte do poder e ganhos dessa mesma burocracia contrarrevolucionária. A China, que tem a maior exportação mundial, não pretende se envolver numa guerra que seja um obstáculo aos seus ganhos comerciais, que são sua tábua de salvação diante da superprodução que já a afeta ramos de sua economia.

Já os EUA têm todo interesse na destruição maciça de forças produtivas. Somente por meio disso será possível uma ampla recomposição das forças produtivas imperialistas,

de dimensões equivalentes ao pós 2^a guerra mundial. Impulsionam o militarismo e os confrontos em toda parte. Realizam com frequência provocações contra a China e Rússia, e seus aliados. Aproveitam-se das guerras para fortalecer por meio do investimento estatal a sua indústria armamentista, e com ela toda a cadeia produtiva, contornando as tendências recessivas dominantes, que se combinam com as inflacionárias, dentro dos EUA, na Europa e em toda parte.

O imperialismo é a fase de guerras, revoluções e contrarrevoluções. É a época da luta mundial do proletariado mundial contra a burguesia mundial. Por isso, em todo e qualquer conflito militar em que o imperialismo ou seus enclaves estejam envolvidos, é dever dos explorados do mundo todo se colocarem ao lado daqueles que são atacados pelas potências imperialistas, independentemente de quaisquer que sejam as caracterizações a seu respeito, sem ter de apoiá-los politicamente, e preservando a independência de classe na organização, ação e bandeiras. As organizações nacionalistas árabes, que no passado foram em sua maioria laicas e hoje são esmagadoramente religiosas, em grande parte estão pela destruição do Estado de Israel, enclave dos EUA na região, um estado artificial e belicoso. Lutam como podem contra as potências, mas seu caráter de classe burguês as impede de serem consequentes e levar a luta ao seu objetivo final. A destruição do Estado de Israel e a conquista da autodeterminação das nacionalidades da região (incluídos aí os milhões de judeus que hoje habitam território palestino) depende da luta das massas oprimidas e exploradas. O armamento das massas e a divisão das forças militares são uma condição para que se derrote o imperialismo e se faça o então o ajuste de contas com a burguesia de seus próprios países, que é incapaz historicamente de defender e conquistar a soberania nacional. A derrota do imperialismo na guerra,

que depende em grande parte do apoio incondicional aos palestinos contra o Estado sionista, é a tarefa colocada para agora. Se avançar, será um passo na direção da vitória do proletariado contra a burguesia no mundo todo, na direção da Revolução proletária em cada país e da Revolução Socialista Mundial. É por isso que lutamos. Defendemos que se avance em direção a construção de um governo operário e camponês na Palestina, de um Estado Operário que se fundamente na expropriação dos grandes meios de produção e controle operário coletivo deles. Defendemos também que nas demais nações da região se construam estados operários semelhantes, que se unam numa federação e que sejam ponto de apoio para a revolução socialista mundial, que é a única forma de se alcançar uma paz definitiva. Sob o imperialismo, qualquer paz será um intervalo entre guerras e mortandade.

Todo apoio aos palestinos contra o Estado sionista e os EUA! Pela derrota militar de Israel e do imperialismo!

Traçar uma plataforma de reivindicações para unir as massas em toda parte ao redor da defesa incondicional dos palestinos, e para defendê-la com os métodos próprios da luta de classes e com organização sob independência de classe!

Organizar as massas para combater a opressão nacional e social em toda parte! Reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista!